

# De Cartagena a Playa Blanca



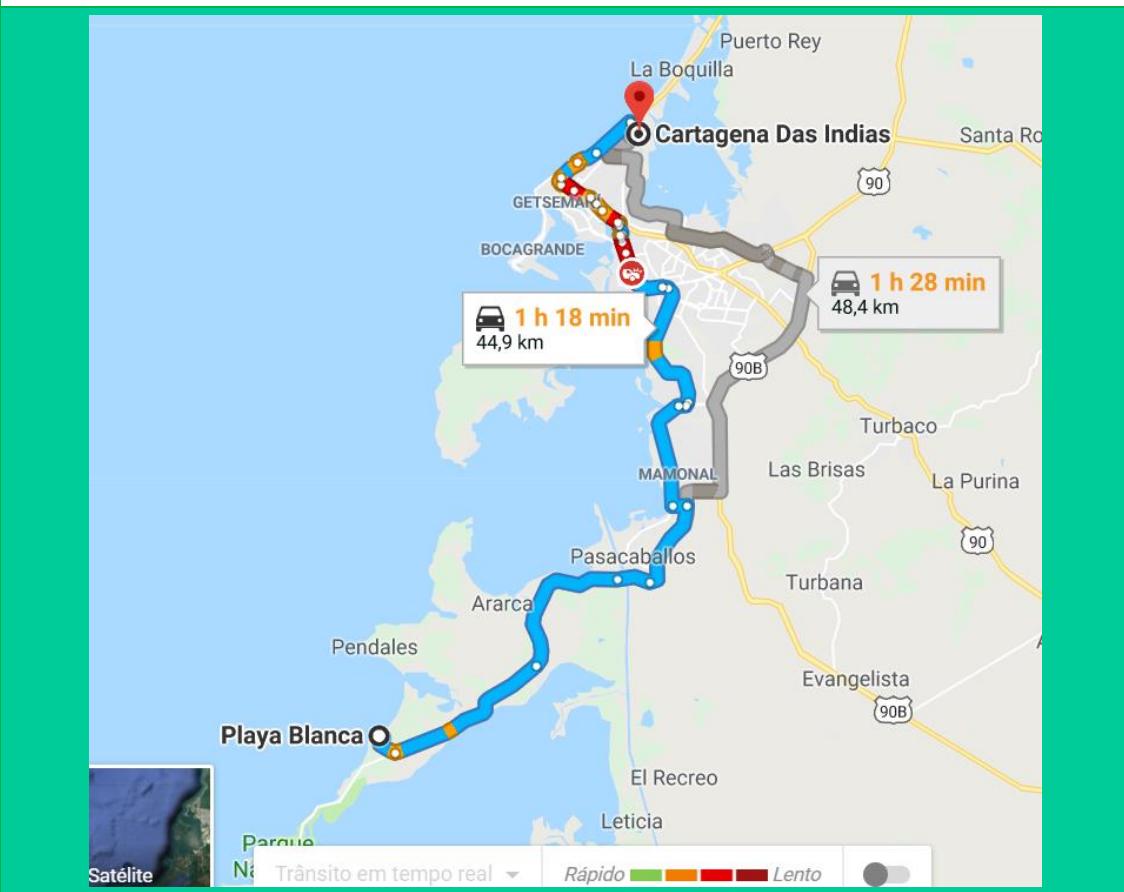
Viram só as lindas imagens da primeira página? Tudo paradisíaco, não acham?

Pois é, isto é o que se mostra quando se faz propaganda de Playa Blanca.

Como as praias em Cartagena não são lá grande coisa, os livros guias e os guias em forma de gente ficam te azucrinando para comprar um pacote a Playa Blanca. Resistimos até que bastante, mas no último dia, quando contratamos o serviço de Fabian para ir até o Convento de La Popa, principal mirante da cidade, acabamos por perguntar se valia mesmo a pena ir até essa praia, ao que ele respondeu que sim, informando mais ou menos a mesma coisa que os demais – em 35/40 minutos se chegaria até lá e se poderia conhecer o que há de melhor na região. O preço que ele cobrava era razoável (230 mil pesos colombianos, o que equivalia, naquele momento, a 80 dólares ou 200 reais), razão pela qual fomos até o convento, para voltarmos rapidamente ao hotel, trocar de roupa e ‘simbora’ para o paraíso....

Bem, todo turista já passou por roubadas e não vai me dizer que você, leitor, não passou por nenhuma e eu só vou acreditar nessa se nunca saiste da cidade em que moras.

Bem, no que respeita a nós, já passamos e esta parte do diário é para contar uma delas e já começar admitindo que podíamos ter nos livrado se tivéssemos sido mais diligentes na procura de informações. Bastava ter olhado no Google Maps, antes de comprar este serviço, para saber que, bem, 35 minutos é otimismo demais: vejam no mapa abaixo que as estimativas ultrapassam a uma hora.



Como já dever ser bom conhecedor das dificuldades, Fabian foi pelo caminho da esquerda, o que nos possibilitou conhecer toda a área do porto, que é mesmo muito extenso e dinâmico. Até aí, tudo bem, porque nos mantínhamos ocupados com esta observação. A primeira foto abaixo, fomos nós que fizemos a partir do mirante do Convento, primeiro destino a que fomos guiados por Fabian. As outras duas eu retirei do site <https://ns55dnred.files.wordpress.com/2016/11/puerto-de-cartagena.jpg>



O trânsito, enquanto atravessávamos a área urbana era lento e, quando dela saímos, não melhorou grande coisa. A cada dez minutos, Fabian nos dizia que estávamos quase chegando, até que uma placa indicava “entrada na municipalidade de Playa Blanca” e, então, andamos mais uns cinco quilômetros ainda, até que o trânsito parou completamente.

Os carros que tinham este destino começaram a tomar a pista de volta para Cartagena e os que deveriam ocupar tal pista vinham loucamente, buzinando, pelo acostamento. De repente, chegou a informação de que havia muitos veículos perto da praia e estava proibida a continuidade do fluxo até lá.

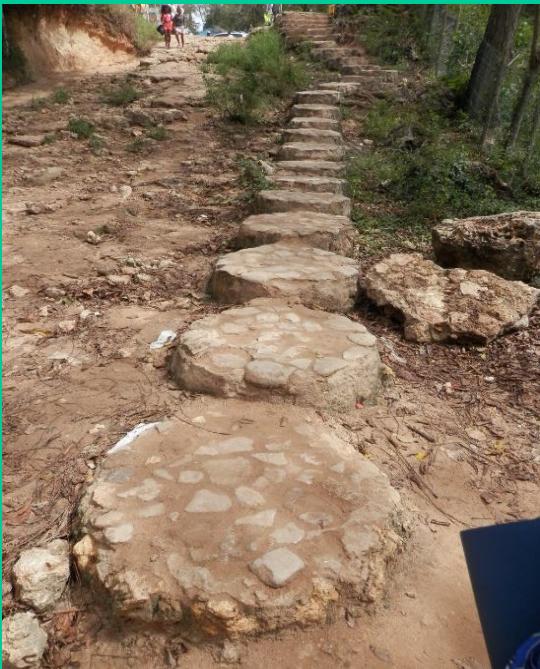
Ok? Como assim, ok? Tínhamos ido até lá e, então, nos dispusemos a fazer o trecho que faltava a pé. Nós e quase todo mundo que ocupava os carros e os ônibus de turismo que tinham a mesma vontade que nós: chegar até a sossegada praia que vislumbramos nas fotos.

Nestes momentos de confusão e falta de informação correta, é que temos certeza que estamos na periferia do capitalismo, dada a rapidez com que apareceram serviços de toda ordem, como forma de muita gente sem trabalho fixo ganhar algum.

Havia motociclistas ao montes, oferecendo traslado até a praia por três mil pesos colombianos (algo como R\$ 3,50). Vans que tentavam burlar a ordem e fazer o transporte assim mesmo. Gente que tentava deixar o carro no acostamento para não ter que parar no estacionamento pago que, em alguns minutos, foi improvisado num terreno baldio.



E nós o que fizemos? Começamos a percorrer o trecho a pé e logo sucumbimos ao serviço de um tuk tuk, cujo condutor dizia que cabia três pessoas, nos que correspondi a um assento e meio, razão pela qual, mesmo sendo dois, ele insistia em nos cobrar por três.



A esta altura eu já estava tão fissurada para chegar à linda Playa Blanca que achei tudo sensacional e ainda considerei que valia a pena o registro fotográfico diante do portentoso veículo. Esperava já ver o mar, quando nos deparamos com a escala que havia entre a estrada de terra e um caminho de areia, de mais uns 200 metros. Lá vamos nós, descendo com cuidado para não torcer o tornozelo. E dá-lhe barraquinha no caminho, vendendo água, lanche, óculos de sol etc.

Nada parecia me abater, até vislumbrar a praia e me dar conta de que não havia um metro quadrado para se sentar ou um pedacinho de areia para se fazer uma caminhada. As fotos usadas pelas agências e guias devem ter sido feitas há 30 anos atrás, quando ninguém escolhia aquele destino para passar um dia de férias.

Tivemos que nos resignar, rir e aceitar o pagamento de uma mesa requenguela numa das inúmeras barracas que ocupam toda 110% da faixa de areia que não é lá grande coisa. Como era uma das últimas disponívies, tivemos que ficar abaixo da cobertura, que já é uma extensão de plástico da feita em sapé, o que significa mais calor. Ainda era necessário toda uma estratégia para nos posicionarmos bem de modo a não pegar o raio de sol quentíssimo que entrava pelo buraco do teto improvisado. Vejam a foto se vocês não acreditam.

A sede era grande após a viagem e o percurso de múltiplos modais de transportes, incluindo a parte feita a pé. Foi tomar uma coca-cola e perceber que a bexiga estava cheia. O banheiro? Ah, o banheiro! Assim que pagávamos os dois mil pesos estabelecidos, uma moça ágil, recolhia mais um menos um litro de água de dentro de um balde (claro que abastecido no mar), com uma lata velha, jogava no vaso sanitário para limpar o que o usuário anterior tinha deixado e eu já podia me dedicar ao malabarismo de, ao mesmo tempo e apenas com duas mãos, levantar a túnica, abaixar a parte inferior do biquíni, segurar a porta e o minúsculo pedacionho de papel higiênico a que tive direito com o meu pagamento.



E lá ficamos nós, por dez minutos, após todo o sacrifício passado, vendo o mar transparente e sofrendo com a falta de espaço e tempo, já que estávamos calculando o que seria necessário para percorrer o caminho de volta, alcançar o carro do Fabian e levar mais uma hora e tanto para chegar ao hotel em Cartagena, onde devíamos fazer o check-out às 13h. Tranquilo: eram apenas 12h40)!!!

E a volta? Precisando voltar logo para o hotel, tínhamos que percorrer um quilômetro até onde combinamos encontrar Fabian. Início da caminhada... mas eis que surge uma van, porta torta, oferecendo os serviços de “carona” por dois mil pesos (preço mais baixo que na ida).

Ao chegar ao ponto de encontro combinado, cadê Fabian e o carro? Nada. Apenas dois estacionamentos cheios de carros, menos o que precisávamos. Procuramos nos dois terrenos e não encontramos o nosso carro. Sol a pino, o calor aumentava rapidamente. Vários motoqueiros se oferecendo para nos levar à praia. Não havia sinal para, pelo celular, tentar encontrá-lo.

O que ocorreu? Ele, muito gentilmente, foi nos procurar na praia, mas como voltamos na velha van trepidante, não o vimos, embora tenhamos cruzado com ele. Depois de meia hora, muitas incertezas (será que vamos procurar outro táxi para voltar a Cartagena?) aparece Fabian, apressado, explicando que tinha tentado nos buscar mas, contraditoriamente, sua gentileza mais atrapalhou do que ajudou a volta. Foi necessário dizer “Fabian, apúrate, necesitamos llegar al hotel”. O trânsito não ajudou muito, mas chegamos com “apenas” uma hora de atraso, depois de “curtir” a Playa Blanca, repleta de pessoas, por muitos poucos minutos.

Carminha Beltrão

Janeiro de 2018